

O nome dele é Enéas

19-10-89

Um acreano que trata bem o português

"Eu não sou oligofrênico". A autodefinição é de um acreano de 50 anos, casado, três filhas, médico cardiologista, diplomado em Física, professor de Português e Biologia, e que tem, entre seus sinais particulares, o fato de ser candidato à Presidência da República. Trata-se de Enéas Ferreira Carneiro, que concorre pelo Partido de Reedificação da Ordem Nacional (Prona), fundado com amigos e ex-alunos e que já tem Diretórios Regionais em 14 Estados. O candidato, que se tornou conhecido pelo slogan repetido no horário eleitoral gratuito — "O meu nome é Enéas" — orgulha-se de falar corretamente a língua portuguesa e tem aversão ao verbo "achar", no sentido de pensar.

— O senhor não acha... — tenta começar o repórter.

— Eu não acho nada. Ou sei uma coisa ou não sei! — brada Enéas.

O candidato do Prona, partido que se propõe a restaurar a ordem "em todos os níveis de ação pública", afirma que seus adversários são semi-analfabetos. Ele limitou sua campanha a participações no horário eleitoral gratuito e a entrevistas no rádio e na televisão e recusou-se a fazer comícios — "Uma maneira primitiva de induzir as pessoas", assegura — e campanha de rua. Para ele, a vitória seria certa se tivesse cinco minutos por dia, em lugar de trinta segundos diários, divididos em duas mensagens de 15.

— Eu ganharia no primeiro turno. Esses senhores, os candidatos à Presidência da República,



Enéas, homem de muitos diplomas

são muito ruins. Eu passaria como um trator por cima deles.

No fim da campanha, Enéas comemora o que chama de "arrancada": está convencido de que conseguiu sair do zero nas pesquisas pré-eleitorais. Com 1,62m, 50 kg, careca e de barba negra, sempre de terno e gravata, é uma figura inconfundível nas ruas. Desde o dia 15 de setembro, quando começou o horário eleitoral gratuito, passou a ser abordado por eleitores. Mas procurou manter sua família, sua vida particular e os dois cursos de eletrocardiografia que ministra por semestre (um no Rio e outro em São Paulo) fora da campanha. Em suas aulas, política é assunto proibido e nem mesmo aos vizinhos pediu votos, garante.

Mesmo assim, acha que cresceu e até está indo bem junto ao eleitor. Qual é a receita do sucesso?

— Tenho uma presença e palavras fortes — diz.